

Governo não tem meta para o câmbio mas poderá emitir títulos

Assis Moreira
de Evian (França)

O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, aproveitou especulações sobre nova emissão soberana de títulos para reiterar que o governo não está fazendo política de diminuição de dívida cambial para escocher o valor do dólar. "Isso é efeito colateral de algumas políticas. O governo não tem meta de câmbio", disse Palocci.

Segundo ele, nos primeiros quatro meses do ano, o governo só fez a rolagem de 86% da dívida cambial, tirando 14% do mercado. A dívida cambial representa agora 28% da dívida mobiliária federal. Palocci não confirma, mas tampouco desmente, a possibilidade de o Brasil fazer uma nova emissão soberana de títulos esta semana. "O Brasil está de volta ao mercado internacional, mas (sobre a emissão) não tem decisão", declarou em Lausanne, na Suíça. Em Wall Street, as indicações são de que a operação ficaria em US\$ 1 bilhão. Na Alemanha, fontes lembraram que as indicações recentes do Banco Central eram de que faria emissão de US\$ 500 milhões até o final do ano, no mesmo valor de pagamentos de títulos Brady.

Juros altos atraíram investidores

Os investidores em busca de altos rendimentos aguardam com interesse nova emissão soberana do Brasil. Um novo relatório trimestral do **Banco de Compensações Internacionais (BIS)**, que será divulgado nesta segunda-feira na Basileia, Suíça, mostra que o Brasil captou dois terços dos US\$ 13,2

bilhões de bônus emitidos pelos emergentes no primeiro trimestre.

Os enormes juros no Brasil quembram os temores de investidores internacionais. É que as taxas de juros a longo prazo nos principais mercados caíram a níveis historicamente baixos em maio. Após a ocupação do Iraque, o rendimento nominal de tesouros americanos de 10 anos ficou em 3,31%, seu mais baixo nível desde 1958. O BIS nota que no período 2000-2002, o retorno médio anual do Merril Lynch US index bonds foi de 11% e na zona euro, de 8%.

Brasil e Turquia: mais atraentes

Este ano, diante de rendimentos excepcionalmente baixos no mundo desenvolvido, os investidores em busca de melhor remuneração decidiram assumir um risco maior de crédito. Os dados do BIS mostram que o Brasil e a Turquia são os principais beneficiários da busca por melhores rendimentos dos investidores internacionais, graças à suas enormes taxas de juros.

O real brasileiro, o peso argentino e o rand sul-africano apreciaram na medida em que os investidores aplicaram em fundos locais. Além disso, os spreads dos bônus também caíram a seus mais baixos níveis desde 1998. "Mesmo os países mais endividados, caso do Brasil e da Turquia, voltaram ao mercado. No primeiro trimestre, as emissões de bônus chegaram a US\$ 341 bilhões. As economias emergentes captaram US\$ 13,2 bilhões (+52%), sendo dois terços pelo Brasil.